



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS II  
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS  
DEPARTAMENTO DE AGROECOLOGIA E AGROPECUÁRIA  
CURSO DE BACHARELADO EM AGROECOLOGIA**

**BRUNA DOS SANTOS SOUZA**

**EMPODERAMENTO DA MULHER CAMPONESA: A VOZ E A RESISTÊNCIA DAS  
PRODUTORAS RURAIS DO ASSENTAMENTO OZIEL PEREIRA - REMÍGIO/PB**

**LAGOA SECA  
2021**

BRUNA DOS SANTOS SOUZA

**EMPODERAMENTO DA MULHER CAMPONESA: A VOZ E A RESISTÊNCIA DAS  
PRODUTORAS RURAIS DO ASSENTAMENTO OZIEL PEREIRA - REMÍGIO/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de Agroecologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelada em Agroecologia.

**Área de concentração:** Ciências Agrárias.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Ms. Rita de Cássia Cavalcante.

**LAGOA SECA  
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S729e Souza, Bruna dos Santos.  
Empoderamento da mulher camponesa [manuscrito] : a voz e a resistência das produtoras rurais do assentamento Oziel Pereira - Remígio/PB / Bruna dos Santos Souza. - 2021.  
48 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Agroecologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Agrárias e Ambientais , 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Rita de Cássia Cavalcante ,  
Coordenação do Curso de Agroecologia - CCAA."

1. Agricultura familiar. 2. Empoderamento. 3. Mulher rural.

I. Título

21. ed. CDD 305.4

BRUNA DOS SANTOS SOUZA

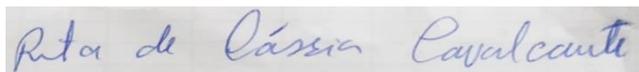
**EMPODERAMENTO DA MULHER CAMPONESA: A VOZ E A RESISTÊNCIA DAS  
PRODUTORAS RURAIS DO ASSENTAMENTO OZIEL PEREIRA - REMÍGIO/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a  
Coordenação do Curso Agroecologia da  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB),  
como requisito parcial à obtenção do título de  
Bacharelada em Agroecologia.

**Área de concentração:** Ciências Agrárias.

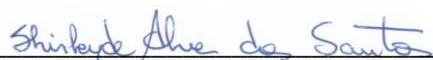
Aprovada em: 24/05/2021.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof<sup>ª</sup>. Ms. Rita de Cássia Cavalcante (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof<sup>ª</sup>. Ms. Shirleyde Alves dos Santos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Albertina Maria Ribeiro Brito de Araújo  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

À minha mãe que esteve sempre ao meu lado  
me incentivando a lutar pelos meus objetivos,  
DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

A **Deus** pelo seu infinito amor, por ter me concedido saúde, força, coragem e disposição, tornando possível enfrentar todas as dificuldades e, então, almejar essa grande conquista.

A minha, **Celina Crispim dos Santos**, que sempre batalhou, lutou e passou por uma infinidade de dificuldades para criar seus filhos e netos, me mostrando a importância dos estudos e sempre me recebendo com palavras de carinho e incentivadoras. Aquilo que pude ser hoje ou pretenderei ser no futuro devo a ti, és meu exemplo, meu orgulho e minha GUERREIRA. TE AMO!

A minha linda **família**, especialmente a minha sobrinha **Daniely dos Santos Cabral**, pela ajuda, companheirismo e por sempre se preocupar com meu bem-estar.

A minha orientadora, professora Ms. **Rita de Cássia Cavalcante**, sou grata pela amizade, ensinamentos, apoio e, principalmente, pela paciência e compreensão, por ter dedicado o seu valioso tempo para me orientar e auxiliar em cada passo deste trabalho.

A banca examinadora, representada por: professora **Ms. Shirleyde Alves dos Santos** e a professora **Dr<sup>a</sup> Albertina Maria Ribeiro Brito de Araújo**, por aceitarem o convite, e por contribuir para o enriquecimento deste trabalho. Meu muito obrigada!

As cinco **agricultoras do assentamento Oziel Pereira** e a todas as trabalhadoras do campo, que com humildade e simplicidade me receberam de braços abertos em seus lares, enquanto eu realizava a pesquisa de campo, e compartilharam comigo as suas experiências dentro do assentamento. É com grande alegria que expresso a todas o meu MUITO OBRIGADA!

As minhas amigas de curso, em especial, **Vitória Sáskia Ferreira Barroso e Gabriella Henrique Brandão**, por terem sido pacientes comigo nos momentos de aflições acadêmicas e pessoais, sempre me ajudando e me aconselhando sabiamente visando meu bem. Não posso deixar de agradecer também por toda colaboração para as elaborações de artigos científicos. Essa amizade eu faço questão de levar da universidade para a vida. Eu amo vocês!

A **Deibson Teixeira da Costa**, por todas as vezes que me incentivou com palavras de apoio, pela paciência, ajuda e por todos os conselhos. Obrigada por todo carinho!

A **Yohann Barbosa Medeiros e Felipe Negreiros Araujo**, aos quais agradeço pelo companheirismo, aprendizado e momentos leves que tivemos dentro e fora do Campus.

A minha amiga **Sthefanny Heloiza Rodrigues Monteiro**, que divide comigo angústias, alegrias e que, com paciência, me anima nos momentos difíceis.

Aos meus **amigos de turma** por todo o companheirismo, pelos inúmeros trabalhos em grupo, pelos momentos de descontração, risadas, conversas e, especialmente, a **Vanderléia Galdino dos Santos**, por todo apoio nos momentos difíceis.

Ao **Centro de Ciências Agrárias e Ambientais (CCAA) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)**, a todos os professores e técnicos do Departamento de Agroecologia e Agropecuária e todos os funcionários da instituição, que de uma forma direta ou indireta fizeram parte da minha formação.

“É preciso ter coragem para ser mulher nesse mundo. Para viver como uma. Para escrever sobre elas.”

Clarice Falcão

## RESUMO

Essa pesquisa teve por objetivo analisar o empoderamento e a participação da mulher na produção agrícola no assentamento Oziel Pereira, no município de Remígio/PB. Sua intenção foi dar visibilidade à participação feminina na produção agrícola, a partir de uma experiência local, resultante de grandes lutas vivenciadas na organização do assentamento, que se somou nas pautas reivindicatórias nacionais para a conquista de políticas públicas específicas para as mulheres. A motivação mais forte para a escolha do tema de pesquisa se originou, inicialmente, a partir das observações na convivência cotidiana com as mulheres da família, especialmente com a minha mãe, mulher agricultora que precisava articular o trabalho doméstico com o trabalho da roça. Ao conviver com esses fatos no nosso cotidiano, aprofundando o conhecimento sobre o assunto através de leituras, foi nos revelando a necessidade de explorarmos mais a temática. Para a realização da pesquisa de campo optamos por uma metodologia dentro da abordagem de pesquisa qualitativa, que se justifica pela possibilidade de evidenciar as falas às pessoas excluídas, aquelas invisibilizadas na sociedade, que, no nosso caso, são as mulheres agricultoras e suas particularidades na construção de suas trajetórias no assentamento. Para tanto, tivemos como amostra 05 (cinco) mulheres envolvidas com as lutas e conquistas no assentamento. Para organizar a análise de dados, optamos pela história oral temática, como forma de facilitar o recorte das vozes dessas mulheres, destacando os pontos principais e marcantes dos seus discursos nesse processo de construção. Dentre os resultados alcançados ficou claro que a maioria das mulheres do referido assentamento está progressivamente ganhando mais espaço e visibilidade não só dentro do assentamento, mas trazendo um novo olhar sobre o papel da mulher na sociedade, o seu papel promissor na renda familiar, na produção agrícola e na emancipação social.

**Palavras-chave:** Agricultura familiar. Empoderamento. Mulher rural.

## ABSTRACT

This research aimed to analyze the empowerment and participation of women in agriculture and production in the Oziel Pereira settlement, in the municipality of Remigio/PB. Its intention was to give visibility to female participation in agricultural production, mentioned from a local experience, resulting from great struggles experienced in the organization of the settlement, which was added to the national demands for the achievement of specific public policies for women. The strongest motivation for choosing the theme, originated initially, from the observations in daily life with the women of the family, especially with my mother, a woman farmer who had to articulate the domestic work with work of the field. By living with these facts in our daily lives and deepening reading on the subject, the need to deepen the theme was revealed to us. For conducting field research, we opted for a methodology whit in the qualitative research approach, which is justified by the possibility of evidencing speech to excluded people, those invisible in society, in our case, women farmers and their particularities in the construction of their trajectories in the settlement. We had as sample 05 (five) women involved in the struggles and conquests in the settlement. To organize the data analysis, we opted for thematic oral history, as a way of facilitating the clipping of the voices of these women and highlighting the main and remarkable points of their speeches in this construction process. Among the results achieved, it was clear that the majority of women in the referred settlement are progressively gaining more space and visibility not only whit in the settlement, but bringing a new look at the role of women in society, their promising role in family income, in agricultural production and social emancipation.

**Keywords:** Family farming. Empowerment. Rural woman.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASA	Articulação do Semiárido Paraibano
ASPTA	Agricultura Familiar e Agroecologia
ARRIBAÇÃ	Associação de Apoio a Políticas de Melhoria da Qualidade de Vida Convivência com a Seca Meio Ambiente e Verticalização da Produção
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MMTR	Movimento da Mulher Trabalhadora Rural
MST	Movimentos dos Sem Terra
ONG	Organização Não Governamental
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>15</b>
<b>2.1</b>	<b>Mulher rural, gênero e empoderamento .....</b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>22</b>
<b>3.1</b>	<b>Categorização da pesquisa .....</b>	<b>22</b>
<b>3.2</b>	<b>Local e participantes da pesquisa .....</b>	<b>23</b>
<b>3.3</b>	<b>Procedimentos éticos .....</b>	<b>23</b>
<b>3.4</b>	<b>Procedimento para análise dos dados .....</b>	<b>24</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>25</b>
<b>4.1</b>	<b>Breve histórico da formação do assentamento Oziel Pereira .....</b>	<b>25</b>
<b>4.2</b>	<b>Participação das mulheres camponesas na produção agrícola .....</b>	<b>27</b>
<b>4.3</b>	<b>Participação das mulheres camponesas na atividades do assentamento .....</b>	<b>35</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>43</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>44</b>
	<b>APÊNDICE A .....</b>	<b>49</b>
	<b>APÊNDICE B .....</b>	<b>50</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O reconhecimento da participação feminina na produção agrícola tem relação com as grandes lutas ao longo da história, lutas essas que serviram de pautas reivindicatórias para a conquista de políticas públicas específicas para as mulheres: por condições dignas de trabalho e direitos trabalhistas, pelo acesso à educação, pelo fim da violência contra as mulheres, pela valorização do trabalho feminino, entre outras pautas. Nota-se que, na área rural, essas lutas são ainda mais necessárias, em virtude do trabalho doméstico das mulheres, que ainda hoje não é considerado um trabalho, dentre as tantas atividades que elas desenvolvem. Além disso, é interessante salientar que há uma divisão notória entre as atividades desenvolvidas por homens e mulheres no meio rural (LEAL; LEÃO, 2019).

Muitas vezes esse papel desenvolvido pelas mulheres é considerado só como uma ajuda, sem o devido reconhecimento, uma vez que na história o papel da mulher sempre foi desvalorizado, atribuído apenas às atividades domésticas, reforçando uma cultura machista, sexista e patriarcal, culturalmente naturalizada e aceita pela sociedade.

A análise produzida por Brito *et al.* (2017) demonstra que, na economia rural familiar, a mulher sempre foi vista de forma diferente, pois as atividades a elas designadas sempre foram relacionadas à manutenção e aos cuidados com o autoconsumo da família. O quintal das casas era pertencente a mulher para cultivar medicamentos naturais, temperos, legumes e verduras. O trato de animais de grande porte era para os homens; além do cuidado com a roça.

Rever essa literatura foi a motivação mais forte para a escolha do tema de pesquisa, que se originou, inicialmente, a partir das observações realizadas na convivência cotidiana com as mulheres da família, especialmente com a minha mãe, mulher agricultora que tinha que articular o trabalho doméstico com o trabalho da roça.

Conviver com esses fatos no nosso cotidiano e aprofundar as leituras sobre o assunto foi nos revelando a necessidade de explorarmos mais a temática. Confesso que, a princípio, eram apenas observações das trajetórias das agricultoras, mas as leituras e vivências realizadas ao longo do curso de Agroecologia foram me dizendo sobre o papel da mulher na agricultura e como elas vivenciam o processo de empoderamento. Vi nesse tema um universo importante de ser pesquisado para que a sociedade possa compreender que a mulher pode ter lugar de voz, visibilidade e capacidade de decisão, tanto nos espaços domésticos como nos produtivos.

É fato que nas visitas dos estágios supervisionados fui me identificando com o trabalho de algumas comunidades. Quando visitei o trabalho das Mulheres do Assentamento Oziel Pereira, esse foi requerendo que me debruçasse mais sobre ele, surgindo a necessidade de

ampliar os saberes em torno desse universo específico, despertando outras curiosidades, cuja questão básica era saber como se dá a participação das mulheres na agricultura e nos processos de organização do referido assentamento.

A partir dessas considerações, formulamos o seguinte objetivo geral: analisar o empoderamento e a participação da mulher na agricultura e na produção no assentamento Oziel Pereira, localizado no município de Remígio/PB. Tendo também como objetivos específicos: identificar a participação da mulher na agricultura e na organização do assentamento; valorizar o conhecimento dessas agricultoras em torno do desenvolvimento da agricultura sustentável; caracterizar os atributos de empoderamento feminino nos espaços domésticos e produtivos e descrever as principais mudanças em suas vidas a partir da produção e comercialização de seus produtos.

Para melhor demonstrar a sistematização desse trabalho e apresentar os resultados alcançados, o dividimos em cinco momentos que se complementam. Na introdução evidenciamos os motivos que nos levaram a definir o tema, os objetivos e as motivações do trabalho. Na segunda parte apresentamos a revisão de literatura que nos serviu de base para discutir sobre a participação da mulher na agricultura, o conceito das relações de gênero e de empoderamento. A terceira parte traz o percurso metodológico utilizado, enfocando a escolha pela metodologia da História Oral, destacando os pontos principais dos relatos das agricultoras. Na quarta parte discutimos os resultados e apresentamos as discussões, trazendo algumas considerações acerca da realidade das mulheres entrevistadas e, por fim, na quinta parte, as considerações finais.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Mulher camponesa, gênero e empoderamento

Embora saibamos que há muitas correntes que discutem sobre o tema da mulher camponesa, gênero e empoderamento, com diferentes referenciais históricos e graus de aprofundamento, buscamos aqui não trazer todo arcabouço de todas as proposições sobre o tema, mas fazer algumas reflexões a partir dos teóricos que nos tocaram nesse processo de aprendizagem.

Sabemos que a agricultura familiar é um dos sistemas para geração de renda e desenvolvimento rural e regional de muitas comunidades no Brasil e no mundo. Neste cenário, o trabalho das agricultoras é bastante relevante para a preservação da agricultura familiar e produção de alimentos saudáveis. Logo, conforme nos apresenta Ferreira (2016), a mulher no meio rural tem um grande papel na garantia da segurança alimentar da família. Ela cultiva ao redor de casa, participa ativamente das atividades das hortas e desempenha várias atividades relacionadas a conservação da biodiversidade e ao manejo dos recursos naturais, como a produção, troca de sementes e mudas com suas vizinhas.

Consideramos que a necessidade humana do trabalho é muito mais do que apenas uma fonte de sobrevivência, é uma atividade vital ao desenvolvimento e a afirmação do sujeito no mundo. Do mesmo modo, o papel da mulher camponesa não pode ficar resumido ao de ficar em casa realizando as atividades domésticas, pois, como vimos, na história, com o passar dos anos, a mulher conquistou muito espaço no setor da economia, principalmente na agricultura. De acordo com Sen (2008), a habilidade da mulher para gerar proventos, sua função econômica dentro e fora da família, sua alfabetização e conhecimento, são apoios para que a mulher fortaleça sua voz ativa e sua condição de agente, através da autonomia e do ganho de poder.

Nos dias de hoje, a mulher tem implantado alternativas para solucionar o histórico preconceituoso que a expõe a uma situação desfavorável em relação a figura masculina. Através da democratização da informação foi possível que as mulheres pudessem buscar outras oportunidades em sua vida, podendo ocupar diferentes campos de atuação na sociedade e no mercado de trabalho. Essas alternativas têm sido expandidas nos mais diversos espaços e especificidades: agroindústrias; geração de emprego e renda; associações de mulheres; organizações do terceiro setor; grupos informais urbanos e rurais; movimentos organizados e até mesmo reuniões com vizinhas. Como consequência vê-se a inserção e a participação da

mulher na geração de emprego e renda e na inclusão no mercado de trabalho formal (BRITO *et al.*, 2017).

Muito embora saibamos que na sociedade ainda perpetua as diferenças e desigualdades entre mulheres e homens, seja nas funções e responsabilidades atribuídas, acesso e controle dos recursos, assim como nas oportunidades de tomada de decisão (SOUZA *et al.*, 2016), é fato que homens e mulheres tiveram e ainda têm direitos diferentes, distinções essas que fortalecem as fontes de opressão da mulher. Ou como afirma Leal *et al.* (2020), observam-se que as desigualdades nas relações de gênero percorrem décadas e apresentam-se independente do âmbito da atividade e do contexto histórico e socioeconômico. Essa desigualdade se revela nos ambientes de trabalho, nos quais os serviços executados pelas mulheres são reconhecidos apenas como uma “ajuda”.

As desigualdades de gênero as quais as mulheres estão submetidas são observadas em regras e princípios distintos tidos como “normais”, pois é um trabalho natural: passar, lavar, cozinhar, arrumar a casa e cuidar de todos. As mulheres são criadas com menos liberdade que seus irmãos homens, por exemplo. Essa sequência de restrições impostas pela sociedade faz com que elas sejam as pessoas mais vulneráveis a sofrerem violência física, psicológica e patrimonial, em suas próprias casas. Mesmo ficando à frente das atividades, atribuições e responsabilidades, a mulher rural ainda é considerada como “ajudante” de seu marido ou pai, como se ela tivesse um envolvimento menor (FERREIRA, 2016).

Compreende-se que o gênero é formado pela agregação de uma questão de ordem econômica a aspectos de constituição socioculturais entre os sujeitos, que proporcionam relações sociais de discriminação e hierarquização não apenas entre os gêneros, mas também entre as classes (GONÇALVES; MOLINA; CORDEIRO, 2016). Assim, a relação de gênero ocorre socialmente, sendo definida, em geral, pela superioridade masculina. No meio rural, essa relação é influenciada por vários fatores, como a divisão sexual do trabalho e a predominância dos homens nas organizações sociais. Dessa forma, convém às mulheres cuidar do espaço doméstico e dos filhos, concedendo o poder de decisão para o “chefe de família”.

É histórico que a mulher precisou encarar grandes lutas na busca pela equidade na sociedade. Por isso, no Brasil existem movimentos de mulheres que vêm lutando em busca de sua autonomia, empoderamento e melhoria de qualidade de vida (REIS; GUERRA, 2019). Ao analisar o papel da mulher no âmbito da agricultura observamos que as desigualdades afetam ainda mais, pois o trabalho feminino é visto como “leve” e de “segunda mão”. No entanto, muitas foram as transformações e mudanças que desencadearam em plataformas de lutas e

conquistas de políticas públicas e sociais. Mas, para tudo isso ocorrer, foi essencial uma modificação no jeito de ser mulher no campo.

Se elencarmos alguns momentos em que o movimento das mulheres do campo avançou, destacamos a década de 1980 como o marco referencial de grandes conquistas. Foi através do Movimento dos Sem Terra – MST, e suas pautas e reclamos políticos, que as mulheres obtiveram maior visibilidade, formando grupos organizados de lutas para reivindicar equidade, buscando mostrar a identidade delas como trabalhadora rural, abrindo caminhos para exercerem sua cidadania. As trabalhadoras rurais, pela primeira vez, passaram a ser ouvidas no âmbito político, tendo seus direitos conquistados. Mas não foi um processo fácil, envolvendo vários anos de lutas pelos movimentos das mulheres rurais (CARVALHO, 2012).

Nos anos 50, a luta por direitos como aposentadoria, licença maternidade ou pensão, é resultante da luta dos Movimentos de Mulheres Trabalhadoras Rurais – MMTR, oriunda da participação e inserção das mulheres nos sindicatos rurais. Conquista que nos traz como referência a luta de Margarida Maria Alves e Luzia Soares, em Alagoa Grande/PB, que marcou esse período e, hoje, torna-se pauta da Marcha das Margaridas, movimento que favorece a organização coletiva das mulheres em torno de pautas que vão desde a bandeira da garantia permanente a alimentos de qualidade e em quantidade suficiente; acesso à terra e valorização da agroecologia, a uma educação que não discrimine as mulheres, ao fim da violência sexista, à saúde, a ser ou não ser mãe com segurança e respeito; autonomia econômica, trabalho, renda, democracia, participação política, e pela liberdade pessoal e produtiva de tornarem-se provedoras e contribuidoras com os recursos financeiros para a unidade familiar.

Fruto de todas essas reivindicações foi criada uma linha de crédito no Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - Pronaf Mulher, elaborado em 2004, tendo como propósito aumentar a participação da mulher no acesso a políticas públicas, gerando sua própria autonomia econômica.

Desse progresso reivindicatório, Dalboni (2008) avalia que as mulheres obtiveram uma alteração no Código Civil, em 2002, que determinou a família como chefia compartilhada. Além disso, também garantiu às mulheres a conquista do direito de se cadastrarem na Reforma Agrária, rompendo com a possibilidade de que só o homem fosse proprietário ou tivesse domínio sobre os bens sociais ou o lote.

Outro grande marco referencial registra-se no relatório final da 5ª Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA, 2015), no qual foi colocado o tema “Comida de verdade no campo e na cidade: por direitos e soberania”, em que as mulheres dispõem de

uma função de soberania e segurança alimentar e nutricional, conservação e manejo sustentável dos recursos naturais. Neste cenário, as agricultoras têm historicamente um grande conhecimento dos sistemas agroecológicos.

Logo, a mulher no meio rural, tem um grande papel na garantia da segurança alimentar da família. Ela cultiva ao redor de casa, participa ativamente das atividades das hortas e desempenha várias atividades relacionadas a conservação da biodiversidade e ao manejo dos recursos naturais, como a produção e a troca de sementes e mudas com suas vizinhas (FERREIRA, 2016).

Decorrente dessas conquistas, Moreira (2018) considera que muitos foram os focos de luta que as uniram e, atualmente, as bandeiras reivindicatórias têm sido sobre a campanha contra o uso dos agrotóxicos, contra os alimentos geneticamente modificados (transgênicos), contra o agronegócio, por comida, saúde e justiça social, na amplificação dos fitoterápicos e nas defesas dos medicamentos naturais, que estabelecem o compromisso com a saúde do indivíduo e do meio ambiente.

Entretanto, as lutas das mulheres do campo não têm o intuito de medir forças ou ser superior aos homens, mas sim de obter pautas como a valorização de seu trabalho, equidade de direitos, participação nas tomadas de decisões, direito de viver sem sofrer violência de gênero, criação e fortalecimento de políticas públicas específicas (LUTKE; COSTA, 2019).

A desigualdade de gênero está relacionada à função e aos papéis que cada um recebe na sociedade, no modo como as atividades executadas por cada um são reconhecidas de formas diferentes. Em determinadas funções às mulheres tendem a ser desvalorizadas e acabam sendo invisibilizadas.

Essa temática talvez seja um dos principais desafios enfrentados pelas mulheres no meio rural, visto que a agricultura é tradicionalmente marcada pela supremacia de um viés masculino com posições machistas em diversos pontos do cotidiano da mulher. As mulheres rurais, nesse contexto, são as que mais vivem em situação de desigualdade social, política e econômica (CARDOSO; SCHMIDT, 2019).

É essa desigualdade de gênero que desperta uma busca constante para o empoderamento das mulheres, que sempre sofreram com as desigualdades na sociedade, levadas a terem suas escolhas oprimidas. Assim, é essencial iniciar a discussão sobre empoderamento, delimitando o que se entende por esse conceito que, em termos históricos, essa idealização do empoderamento e suas inúmeras perspectivas, provêm de várias origens. No sentido da palavra dicionarizada, *empoderar*: “conceder ou conseguir poder, obter mais poder, tornar-se ainda mais poderoso”.

De acordo com Baquero (2006), a ideia de empoderamento ou empowerment (origem inglesa da palavra), tem raízes no século XVI com a Reforma Protestante, grupo comandado por Martinho Lutero, que em razão da sua insatisfação com relação aos passos da igreja católica, rebelou-se contra suas ações e estratégias da cobrança de impostos, dízimos e indulgências e criou um movimento internacional do protestantismo.

Olhando para essa circunstância, a palavra empoderamento está vinculada a uma compreensão de protagonismo das pessoas sobre a sua religiosidade, ou seja, Lutero quebrou o poder hegemônico quando traduziu os escritos bíblicos, os quais eram utilizados só pelo clero e permitiu que as pessoas se empoderassem, através do acesso a essa leitura.

Noutra direção, Alves e Oliveira (2020) ressaltam que a ideia de empoderamento origina-se também com os estudos de Medo e Ousadia de Freire & Shor (1986, p.16). Os autores conduzem um diálogo sobre a relação da docência e a educação libertadora-dialógica, como uma ação que deve traduzir-se na transformação social dos sujeitos, logo:

Educação dialógica nos trazem à intimidade da sociedade, à razão de ser de cada objeto de estudo. Através do diálogo crítico sobre um texto ou um momento da sociedade, tentamos penetrá-la, desvendá-la, ver as razões pelas quais ele é como é o contexto político e histórico em que se insere.

Essa obra, embora os autores sigam na direção de entender as principais questões que compõe o pensamento dialógico na educação e da relação professor e aluno, traça um grande percurso argumentando sobre a perspectiva do diálogo. Portanto, o diálogo é o elo que une a possibilidade do sujeito se empoderar, ter consciência crítica e na medida que dialogamos nos tornamos mais capazes de transformar a sociedade.

Fazendo um paralelo do que eles dizem, para o campo das lutas das mulheres, na perspectiva freireana da discussão dialógica, vemos que nos diferentes movimentos em que atuam, as mulheres empoderadas são aquelas que utilizam desse instrumento – o diálogo, não como tática e nem técnica de comunicação, mas como algo natural, da natureza humana, parte do caminho para nos tornarmos humanos (FREIRE; SHOR, 1986). O que implica responsabilidade, direcionamento, determinação, disciplina e objetivos.

Assim, empoderadas sobre seus temas, vivenciados nas várias frentes de lutas e ações, elas se reinventam, se refazem, se emancipam, para refletirem, perceberem e interpretarem sua realidade social, seja de modo individual ou coletivo, provocando mudanças relevantes para a construção de um outro tipo de sociedade, mais justa e mais democrática.

No entanto, Freire & Shor (1986, p.71) ainda tratando da ideia de como se dá a construção do diálogo e o significado do empoderamento, dizem:

Mesmo quando você se sente, individualmente, mais livre, se esse sentimento não é um sentimento social, se você não é capaz de usar sua liberdade recente para ajudar os outros a se libertarem através da transformação global da sociedade, então você só está exercitando uma atitude individualista no sentido do empowerment ou da liberdade.

Freire declara acreditar no empoderamento de classe social, que envolve a classe trabalhadora nas experiências, com sua própria construção de cultura, que se traduz na construção do seu poder político, na autolibertação. O empoderamento individual, formado em um conhecimento crítico sobre a realidade social, é importante, mas este conhecimento deve ter um vínculo com a transformação mais ampla da sociedade.

Na mesma direção, Baquero (2012) considera que o empoderamento inclui um método de conscientização, um percurso de um pensamento ingênuo para uma consciência crítica. Mas, Berth (2019) nos chama atenção que o empoderamento, na atualidade, está sendo muito distorcido e incompreendido, tornando-se algo criticado por muitos, não pelo seu significado, mas pela forma como é utilizado, fugindo totalmente da teoria. No entanto, o empoderamento é um processo de luta social, que acontece com a percepção de quem somos e uma indagação das relações do mundo em que vivemos. Para Gubert *et al.* (2020), o empoderamento não é um assunto focado exclusivamente no público feminino, mas para todas as minorias.

Diante disso, os autores se complementam no tocante a concepção de empoderamento, cujo foco é basicamente a possibilidade de o sujeito enxergar na sua participação a alternativa de se pensar uma outra perspectiva da realidade, apontando para a redução das desigualdades que ainda se encontram em todos os setores.

Entretanto, trazendo o empoderamento para o campo das mulheres agricultoras, ele torna-se indispensável, com relação ao seu papel na sociedade, na produção da agricultura familiar. Pois quando a mulher camponesa percebe o seu lugar de fala, de valorização, de pertencimento e de espaço não só na agricultura, mas no mundo, ela conduz melhor o lugar em que ela vive e que está inserida. Sendo não só capaz de produzir novos produtos, gerando renda para sua família, mas tornando-se autora da sua própria liberdade.

Em uma sociedade marcada por uma cultura patriarcal, o papel da mulher ainda é um assunto bastante marcante nas discussões do âmbito rural. É fundamental que se tenha um empoderamento das mulheres para que elas possam decidir sobre as suas próprias vidas e sejam capazes de reivindicar e alcançar seus direitos e objetivos. Ou seja, empoderar-se é vencer o patriarcado, a autoridade do sexo masculino na estrutura familiar (esfera privada) e na lógica

organizacional das instituições políticas (esfera pública), idealizada a partir de um padrão masculino de dominação de arquétipo viril (COSTA, 1999).

Logo, o empoderamento é fruto de um processo social de organização de suas lutas, no qual as mulheres tomam as rédeas das suas vidas por meio da interação com os demais indivíduos, desse modo, procura-se determinar os inúmeros obstáculos enfrentados pelas agricultoras para conquistar esse empoderamento, dentro das comunidades rurais, em que o patriarcado ainda é bastante presente (CARDOSO; SCHMIDT, 2019).

Ponderando estes conceitos discutidos nesta seção, considera-se que o progresso de empoderamento das mulheres camponesas passa por anseios e lutas diárias e que não foi algo “dado”, mas conquistado por todas as mulheres, mesmo oprimidas pelos vínculos de poder que cerca mulheres e homens na sociedade. Ou seja, a inserção da mulher no mundo do trabalho precisa ser cada dia mais respeitada. E, no tocante a agricultura, as mulheres têm dentro de si saberes e habilidades que muitos homens não têm. Assim, práticas que aumentem a presença da mulher no campo são fundamentais para a edificação e fortalecimento da agricultura sustentável.

### 3 METODOLOGIA

Para uma melhor compreensão da pesquisa, aqui discutiremos o percurso metodológico desenvolvido. Demonstraremos como se construiu o diálogo com as mulheres e a produção do conhecimento, entendendo como essas mulheres do Movimento Sem Terra-MST, o grande produtor dessas lutas, produzem seus saberes. Para isso, dividimos esse tópico em quatro secções: categorização da pesquisa, local e participantes da pesquisa, procedimentos éticos e procedimentos para análise dos dados, para assim extrairmos da trajetória das mulheres assentadas um conjunto de ensinamentos que elas carregam. Por isso, o grande movimento foi encontrar um método que possibilitasse a melhor forma de comunicá-la, que decerto trouxesse um melhor recorte da realidade

#### 3.1 Categorização da pesquisa

A pesquisa realizada é de caráter qualitativa, tendo por base a trajetória e a voz das mulheres agricultoras, levando em consideração suas particularidades na construção de suas trajetórias no assentamento, isto porque, segundo Oliveira (2002, p. 217):

As pesquisas que se utilizam da abordagem qualitativa possuem a facilidade de poder descrever a complexidade de uma determinada hipótese ou problema, compreender e explicar processos dinâmicos experimentais por grupos sociais, apresentar contribuições no processo de mudança, criação ou formação de opiniões de determinado grupo e permitir, em maior grau de profundidade, a interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos.

Segundo McDaniel e Gates (2003), uma das principais características da pesquisa qualitativa é a aplicação de questões abertas, sem opções de respostas, o que enriquece as respostas dos entrevistados.

Para organizar metodologicamente o trabalho, optamos pela história oral temática, como forma de facilitar o recorte das vozes das mulheres e destacando os pontos principais dos seus discursos. O objetivo essencial foi fortalecer as falas destas mulheres, utilizando a história oral como princípio metodológico. Tendo por base os estudos da História Oral, segundo Cavalcante (2017, p.39), “o diálogo com a história oral foi se evidenciando diante da nossa crescente busca por recursos que nos ajudassem a pensar melhor a vida das populações silenciadas, diga-se do povo sem terra”. Para tanto, nos orientamos na perspectiva de Meihy *apud* Cavalcante (2017), que considera que a matéria essencial da história oral é a humanização das percepções, e que

mergulhar nos seus ensinamentos estaria abrindo espaço para abrigar as palavras e os significados das experiências vividas pela população. Para isso, partimos da fala das mulheres trabalhadoras do assentamento.

No entanto, para facilitar o trabalho, a história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea (CPDOC, 2016).

### **3.2 Local e participantes da pesquisa**

A pesquisa foi realizada no Assentamento Oziel Pereira, em Remígio, localizado na Microrregião Curimataú Ocidental e na Mesorregião Agreste Paraibano, no Estado da Paraíba, apresentando uma população estimada em 19.621 habitantes, com área territorial de aproximadamente 183,459 *km*<sup>2</sup> (IBGE, 2019).

O Assentamento Oziel Pereira localiza-se no referido município, a uma distância de 6 km do perímetro urbano, numa área de fácil acesso, próximo a BR 105, que liga o assentamento ao município de Arara (PB). O Assentamento Oziel Pereira é um assentamento da reforma agrária, cuja origem do nome se dá em homenagem a um militante do Movimento dos Trabalhadores Sem-terra (MST), que faleceu no massacre de Eldorado dos Carajás.

Com uma extensão territorial de aproximadamente 2.996 hectares, o assentamento é composto por lotes e agrovilas, no qual vivem 50 famílias cadastradas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA-PB, 2017).

A pesquisa foi desenvolvida no mês de agosto de 2020, através de entrevistas semiestruturadas, envolvendo 05 (cinco) mulheres que atuam diretamente nas atividades e ações desse assentamento. Mesmo não levantando elementos das diferentes variáveis, buscamos entrevistar as mulheres que de certo modo atuavam na produção e que geravam renda para a família. Embora tenha sido uma amostra pequena, destacamos as mulheres também envolvidas na luta do assentamento.

### **3.3 Procedimentos éticos**

A pesquisa foi realizada respeitando-se as normas éticas de um estudo científico. Para iniciarmos, realizamos uma conversa com essas 05 (cinco) mulheres, momento em que discutimos a proposta do trabalho, ressaltando os objetivos da pesquisa. Além disso, foi

entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A) para a devida autorização de seus depoimentos.

Por motivos éticos, os nomes das participantes foram suprimidos e para representar o depoimento de cada entrevistada foi utilizada a expressão “Assentada”, seguida do número correspondente das agricultoras entrevistadas.

### **3.4 Procedimento para análise dos dados**

A organização dos dados coletados da pesquisa realizou-se através das entrevistas semiestruturadas (gravadas através do celular), transcritas e reelaboradas com os principais relatos das participantes. A escolha desse instrumento visou evidenciar a voz dessas mulheres, permitindo vir delas todo o dizer de sua própria trajetória de organização no assentamento.

Para as análises, optamos por um recorte mais representativo dos temas retratados nas falas das entrevistadas, uma vez que, dentro da perspectiva da História Oral, valer-nos da História Oral Temática seria o que mais se aproximava do processo de construção de suas histórias e o meio de dar-lhes poder de voz, para que elas pudessem reconstruir a sua própria história e fossem adquirindo firmeza nos seus próprios dizeres. Traduzida em discursos essenciais e mais recorrentes de suas narrativas durante a entrevista. Para isso, elencamos os trechos principais dos depoimentos, uma vez que não podíamos abarcar todas as questões por elas abordadas. Buscamos, assim, extrair as suas compreensões em torno do tema indagado em nossa pesquisa.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesse ponto pretendemos demonstrar os resultados da pesquisa nos relatos que se seguem, garantindo a valorização da voz das mulheres agricultoras do Assentamento Oziel Pereira - Remígio-PB, como protagonistas das suas trajetórias: seja no processo de reconstrução do seu papel como mulheres, nas trajetórias de luta pela reforma agrária e na produção da agricultura, no desenvolvimento da comercialização do que produzem ou das dificuldades enfrentadas. Além de destacar novas construções nos processos de participação e inserção nas ações e atividades do assentamento, com um entendimento dos princípios de uma agricultura agroecológica.

Seus relatos apontaram para duas questões básicas: o papel da mulher nas atividades do assentamento e da produção e seu desempenho na organização de um movimento social como o MST. Também se revelam nesses recortes a maneira como essas pessoas expressam suas conquistas, desejos, anseios, nos seus processos de vida e luta no território do assentamento.

Antes de mencionarmos os relatos da pesquisa, achamos necessário apresentar um pouco da história do assentamento.

### 4.1 Breve histórico da formação do assentamento Oziel Pereira

De acordo com Costa (2013), nas últimas décadas, observa-se um elevado crescimento do número de assentamentos em todo Brasil. Os assentamentos são associações planejadas no quadro das mudanças da questão agrária brasileira desde os anos 1960 e que vêm proporcionando um grande desempenho no campo brasileiro.

Seguindo a definição sobre assentamento rural, Zimmermann (1994, p.205) ressalta que “O assentamento é estudado enquanto um espaço de relações sociais, onde as características heterogêneas individuais, homogeneizadas no processo de luta pela terra, ressurgem em bases novas.”

Dessa forma, o acesso à terra por meio da reforma agrária, possibilitou às famílias que foram favorecidas uma melhor estabilidade na vida familiar, concedendo uma melhoria na produção e na condição de vida, sobretudo, quando se considera a situação de pobreza e exclusão social (HERÉDIA *et al.*, 2003).

Além do mais, o acesso à terra é uma oportunidade de mudança na vida das pessoas, porém a luta do acampado até adquirir a terra é cheio de obstáculos, não é uma tarefa fácil ficar acampado durante anos, como geralmente ocorre.

O INCRA (2020) define que o assentamento rural é um conjunto de unidades agrícolas independentes entre si, no qual são inseridos pelo Órgão em uma área onde tinha um imóvel rural. Cada unidade de parcela, gleba ou lote é cedido pelo INCRA a uma família de agricultor que não tenha condições financeiras. Os lotes são unidades produtivas e as famílias assentadas residem em casas que foram edificadas dentro do lote ou em agrovilas. Quando os agricultores recebem o lote, eles se comprometem a morarem na parcela e explorá-la para o sustento da família.

Segundo a assentada 1,

O assentamento Oziel Pereira foi fundado entre os anos de 1998-1999, com ocupações nas terras da Fazenda Queimadas, do proprietário Antônio Diniz. No dia 12 de novembro de 1995 teve a solicitação de um ofício para a fiscalização do imóvel, realizado pelo Sindicato dos Trabalhadores rurais de Remígio, porém a vistoria só foi iniciada em 22 de junho de 1998. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB-2020)

Um outro pesquisador retrata que os assentados ficaram acampados com barracas de lona quase quatro anos para conseguir um pedaço de terra e trabalhar na agricultura. O MST, junto com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Remígio, realizou três reuniões com os trabalhadores que tinham vínculo com a fazenda Queimadas para organizar o procedimento de ocupação na propriedade. Em 27 de setembro de 1998, as famílias ocuparam a fazenda Queimadas e no dia 08 de dezembro de 1998 foi publicada no Diário Oficial a desapropriação da fazenda Queimadas, dando origem ao Assentamento Oziel Pereira. A emissão de posse das terras da fazenda Queimadas foi datada em 19 de novembro de 1999 (FULGÊNCIO, 2014).

O nome do Assentamento é uma homenagem a um jovem militante do MST, que foi morto em uma chacina em Eldorados dos Carajás. O Assentamento beneficiou 50 famílias de agricultores, através da luta e da conquista das terras, o qual foi dividido em dois núcleos: a Agrovila do Cajá, com 30 famílias, a uma distância de 5 a 6 km de Remígio e a Agrovila de Lagoa do Jogo, com 20 famílias, a uma distância de 16 a 18 km da cidade de Remígio. Cada família recebeu uma casa com 10 hectares de terra para cultivo próprio e 05 hectares de área coletiva (COSTA, 2013).

Atualmente, o assentamento tem funções direcionadas para a agricultura familiar, criação de animais, agricultura comercial, agricultura de subsistência, orgânica e agroecológica, contando também com os grupos coletivos e o grupo de mulheres As Margaridas.

## 4.2 Participação das mulheres camponesas na produção agrícola

A constatação da bravura da mulher na agricultura pode ser vista nesses relatos em que as mulheres mostram que o trabalho na agricultura é algo que faz parte do seu cotidiano desde criança, pois elas acompanhavam os seus pais/avôs e ajudavam nas atividades do roçado.

Candido (1987) enfatiza que, desde criança, filhos de agricultores são estimulados a conduzirem o trabalho da propriedade rural, familiarizando-se com a experiência recebida pelos pais com relação às atividades da agricultura.

Ao questionarmos com quem as mulheres assentadas aprenderam as técnicas da agricultura, a grande maioria diz ter aprendido com os pais e afirmaram ter aprimorado tais habilidades no assentamento e através de formações na Organização Não Governamental - ONG Arribaça e na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa. Essas formações são para que agricultores familiares tenham mais conhecimentos sobre a produção agrícola.

Essas instituições desempenham um trabalho com Agroecologia e realizam cursos diversos, contribuindo com técnicas que auxiliam o crescimento das mulheres agricultoras. Segundo Silva, Nunes e Andrade (2019), a propagação do conhecimento, valorização do saber popular e aprimoramento de técnicas já aplicadas pelas agricultoras são de grande relevância para a melhoria da qualidade de vida no meio rural e para o desenvolvimento sustentável.

Nessa mesma linha, Brito *et al.* (2017) consideram que o trabalho desenvolvido por muitas instituições com foco na Agroecologia, como ciência multidisciplinar, procura valorizar os conhecimentos e a cultura dos agricultores, tendo a finalidade de valorizar a troca de saberes entre as famílias e relacioná-la com a conservação da biodiversidade.

Para analisar a vasta contribuição da mulher camponesa na Agroecologia se faz necessário destacar a importância da inserção dessas mulheres na agricultura, visando enaltecer o trabalho dentro e fora do campo. Os primeiros depoimentos das assentadas relatam a opinião das camponesas sobre o papel da mulher na agricultura:

### **O papel da mulher na agricultura:**

Assentada 1:

Eu acho que a mulher tá em todos os espaços da agricultura, a mulher não está só no plantio, a mulher tá no dia a dia, tá na preparação do solo junto com os companheiros, tá no plantio, tá na limpa, tá na colheita, então é muito importante o papel da mulher. Eu acho que não se constrói uma agricultura agroecológica sem uma mulher. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

## Assentada 2:

É fazer de tudo um pouco. Também é tá contribuindo na criação da família. Praticamente quem trouxe a agroecologia foi eu dentro do meu lote, então eu ensinei junto com a família a construir um processo agroecológico nosso, então eu contribuo mais em tá orientando o pessoal em não deixar desmatar, não tá jogando lixo nos terrenos. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

## Assentada 3:

Eu acho que é um papel determinante, por um longo tempo a gente não era reconhecida como trabalhadora rural, a gente era a ajudante, era a dona de casa e por muitos anos a gente colocou inclusive nas nossas documentações que éramos domésticas, enquanto sempre fizemos as funções da casa e da roça. Tem a questão do cuidado que é o cuidado da saúde, da comida, manter todo mundo bem para que esteja apta ao trabalho, e ainda fazer as funções da roça, então são muitas funções que eu considero que ainda não são reconhecidas (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

## Assentada 4:

Pra mim é muito importante o trabalho da mulher dentro da agricultura, pois o homem nunca faz tudo, sempre tem que ter a mulher pra tá ali, como eles dizem 'pra tá ajudando', mas só que a gente trabalha em tudo. Eu e meu esposo sempre trabalhamos juntos (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

## Assentada 5:

No meu caso, o meu papel e das colegas na agricultura é participar das reuniões mensais, participar das organizações do processo de certificação e também todas nós temos nosso próprio roçado. Nosso papel é o mesmo que o dos homens na roça (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB)

O que podemos observar nas percepções das entrevistadas em relação ao papel da mulher na agricultura é que elas acham importante a mulher estar inserida na agricultura e que, como assentadas, esse papel é fortalecido nos processos de luta e conquista do assentamento, o que implica entender que a agricultura camponesa se faz do fortalecimento da renda na família e da coletividade no processo de produção. Nas palavras da Assentada 1, o que nos chamou bastante atenção, foi quando ela destacou que não se constrói uma agricultura agroecológica sem a presença da mulher, ou mesmo quando a Assentada 3 diz que o trabalho da mulher na

agricultura sempre foi tido como ajuda, desvalorizando o papel da mulher na produção e na renda familiar.

Corroborando com o relato delas, Schneider e Wedig (2020) afirmam que as mulheres camponesas são as que mais representam a prática agroecológica, visto que foi a partir da agroecologia que elas aumentaram as oportunidades de construção de autonomia e ampliação de suas relações sociais.

Diante de tal exemplificação, as mulheres rurais sempre participaram das atividades da roça e, sendo assim, nada mais justo que essas camponesas fossem reconhecidas como trabalhadoras rurais, tendo em vista que o cuidado da propriedade sempre dependeu das mulheres, tanto nos cuidados com o lar, como no roçado.

A trajetória histórica das mulheres rurais e a melhoria de direitos é um processo lento e que não acompanha os avanços da luta. Por muitas décadas elas foram privadas de direitos trabalhistas e previdenciários, como os que estavam disponíveis para os homens; não podiam se envolver nos sindicatos e não eram reconhecidas como trabalhadoras rurais (CARDOSO; SCHMIDT, 2019). Entender a importância da mulher camponesa na agricultura, bem como valorizar os seus conhecimentos, é primordial para elas continuarem assumindo a postura de guardiãs da biodiversidade, segurança e soberania alimentar e nutricional, fato que é evidente na produção de alimentos diversificados e saudáveis. O depoimento a seguir das entrevistadas faz referência à produção agrícola das mulheres camponesas no assentamento:

### **As mulheres e a produção no assentamento Oziel Pereira:**

Assentada 1:

Como eu disse a você, o meu roçado é diversificado, então, a agroecologia é isso, tem que ter diversificação na sua roça. Então eu planto batata doce, a maniva de macaxeira, a mandioca, milho, fava, feijão e ainda trabalho com a parte de hortaliças, aproveito muito o período de inverno. Trabalho muito com tomate, cebola, couve, tudo isso eu tenho no meu roçado. Então é bem diversificado meu roçado, tem de tudo, de tudo um pouco. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 2:

No lote é produzido de tudo um pouco, feijão, milho, batata doce, vários tipos de feijão, jerimum, macaxeira; tem a pequena criação de galinha, ovelha, vaca, bezerro. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 3:

Eu produzo fava, três variedades de feijão, feijão macassar, feijão carioca, fava, milho, jerimum, quiabo, planto hortaliças como o tomate, a cebolinha e o coentro. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 4:

É bastante diversificada, planto várias diversidades de feijão (macassar, preto, mulatinho), planto milho, batata doce, macaxeira, mandioca, fava e hortaliças. As hortaliças a gente produz mais coentro, alface, tomate, pimentão e cebola. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 5:

Produzo milho, algodão, batata doce, tomate cereja, ervas medicinais, feijão carioca, feijão preto, macaxeira, feijão macassar, frutíferas. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

No entendimento de Ferreira (2016), as mulheres camponesas assumem um papel fundamental na garantia da soberania alimentar da família. Elas cultivam ao redor de casa para o consumo familiar e para a comercialização; também estão à frente nas atividades das hortas e desempenham várias atividades associadas ao manejo dos recursos naturais e a conservação da biodiversidade, como a produção e troca de sementes e mudas com suas vizinhas.

Essa afirmação fica muito evidente nos relatos expostos acima, pois as camponesas disseram desenvolver atividades de cultivo bastante diversificadas, tais como legumes, hortaliças, frutíferas, entre outras. Além disso, algumas produzem algodão agroecológico e criam animais. Isso mostra o crescimento do reconhecimento do trabalho feminino na produção, proporcionando o aumento na renda familiar e a diversidade de alimentos. Nesse sentido, Siliprandi (2009) afirma que a diversificação dos cultivos é a base da produção de alimentos saudáveis, relacionando-se com a conservação do meio ambiente e dos recursos naturais.

É fundamental que o local atribuído para o plantio seja valorizado e cuidado para ter uma boa diversidade de alimentos. A diversidade faz parte do planejamento para a agricultura familiar, bem como a recuperação do solo, a troca de sementes, mudas; uma soma de elementos que vão fazendo parte do mundo das mulheres e dão importância ao trabalho desempenhado por elas (MEZADRI, 2019).

Logo percebemos que as mulheres entrevistadas dispõem de um vínculo com a terra, como espaço de diversidade e de vida, tornando o seu trabalho uma fonte de renda para a melhoria da qualidade de vida, do mesmo modo que possibilita a produção de alimentos agroecológicos e sua comercialização em feiras e quitandas, colaborando com a sustentabilidade e a autonomia das agricultoras (LOLI; LIMA; SILOCHI, 2020). Quando questionadas sobre como elas atuam para a comercialização da produção, elas relatam:

### **Comercialização dos produtos e a participação das mulheres:**

Assentada 1:

Sim, eu trabalho na feira agroecológica; trabalhava também na feira livre, mas acabei deixando; trabalho para alguns eventos; temos uma quitanda agroecológica no

município de Remígio, que também coloco os meus produtos e também vendo diretamente a produção de bolo. Estou sempre à frente da minha venda. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 2:

Eu atuo sim, a gente consegue comercializar o que produzimos no grupo As margaridas, comercializo também a polpa de fruta, alguns produtos e a renda vem diretamente para mim. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 3:

Sim, eu tô participando da quitanda da Borborema junto com a minha mãe, participo da feira agroecológica nas sextas-feiras. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 4:

Sim, faço parte da feira agroecológica; vendo porta a porta uma vez por semana e também vendo em casa mesmo. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 5:

Faço o acompanhamento da produção de algodão, sou assistente de campo da empresa VERT. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Com os depoimentos acima pode ser observado que as assentadas têm uma atuação muito marcante na comercialização dos seus produtos. Além de venderem seus produtos em casa e porta a porta, elas levam os produtos para as feiras agroecológicas, quitandas e eventos da agricultura familiar, tornando-se uma alternativa de fonte de subsistência familiar e também possibilitando e incentivando inúmeras experiências junto com as suas companheiras de trabalho. Como afirma Fonseca et al. (2017), a feira não é só um espaço específico de compra e venda, mas também um lugar de socialização de saberes e lazer, ou seja, é um ambiente de sociabilidade e de manutenção da cultura; de trocas de receitas, mudas e sementes.

Os dados desses relatos diferem daqueles encontrados por Silva *et al.* (2017) em pesquisa realizada com as mulheres da comunidade João Carro, no município de Chapada dos Guimarães/MT, na qual a participação feminina é muito baixa em relação a decisões de gestão, produção e comercialização. Isso implica dizer que nem todas as mulheres que vivem no campo têm o real reconhecimento como agricultora por seus parceiros ou pelas instituições as quais estão ligadas e há ainda um total preconceito ao trabalho desempenhado por elas na agricultura, muitas vezes colocado como de menor valor.

Segundo Soares *et al.* (2018), é de suma importância debater sobre relações de gênero mais equitativas e o papel da mulher no avanço da Agroecologia e da agricultura familiar, a fim de valorizar e visibilizar os seus trabalhos, pois na maioria das vezes são as mulheres que cultivam os alimentos para serem comercializados, mas, no entanto, quem comercializa, geralmente, são os homens. De acordo com o que foi supracitado, não podemos permanecer com a ideia de que no meio rural a produção seja exclusivamente masculina, pois as mulheres estão sempre no campo trabalhando e produzindo, o que falta é o reconhecimento de seus trabalhos tanto produtivos como reprodutivos.

O item a seguir faz referência às dificuldades que as mulheres camponesas enfrentam no cenário agrícola, especialmente, por serem mulheres.

### **Desafios encontrados e o reconhecimento do trabalho da mulher na agricultura:**

Assentada 1:

O desafio maior de algumas mulheres é o desafio delas trabalharem junto com os companheiros e os companheiros acharem que elas só ajudam. Eles não reconhecem o trabalho delas. Tem companheiro aqui que ele só vai pro roçado se a mulher for, se a mulher não for na frente ele não vai não e mesmo assim não valoriza o trabalho dela no roçado. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 2:

Eu acho que é a força de trabalho, porque se você for olhar direitinho, mesmo que a gente diga que as mulheres têm direitos iguais, participações iguais, mas em questão de força de trabalho muitas das mulheres ainda não pode ser comparada a força do trabalho de um homem. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 3:

Acho que é a questão do reconhecimento do trabalho feminino; a questão do acúmulo de atividades, pois a gente se desafia em outras funções, mas sempre existe um acúmulo, não existe uma divisão justa; o desafio de incentivo produtivo para que nós mulheres possamos realizar o nosso trabalho, inclusive o trabalho da agroecologia, que em boa parte é exercida por mulheres, e aqui, no assentamento, são as mulheres que exercem a tarefa da agroecologia porque os homens estão muito focados na quantidade e nós mulheres na diversidade e qualidade do alimento, como nós mulheres estamos nessa função de cuidado, o que nos interessa é o bem viver. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 4:

A valorização do trabalho da mulher e o reconhecimento. Uma dificuldade que eu acho para algumas mulheres é que muitas vezes elas se matam de trabalhar, criam os animais sozinhas e o homem só é dono e na hora de colher, a mulher só serviu para o que vem pra dentro de casa, mas na hora de vender o dinheiro é todo dele. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 5:

Eu só enfrento a dificuldade de trabalhar com animal de tração. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Em muitos casos, as camponesas não obtêm reconhecimento pela importância de seus saberes e pela força de trabalho que utilizam no sistema de produção. Além do mais, sofrem com a ausência de visibilidade de seu trabalho doméstico (FAO, 2018).

Ao fazer a análise desses depoimentos percebemos nesses relatos que a maior dificuldade que as mulheres enfrentavam dentro do seu assentamento passa pela questão do pouco reconhecimento do seu parceiro em relação ao seu trabalho. Mesmo assim, essas camponesas continuam na caminhada da luta pela valorização do seu trabalho e da produção agrícola.

Ressaltando o relato da Assentada 3 podemos ver que ela cita que as mulheres do assentamento, além de não terem seu trabalho reconhecido, acumulam mais funções e carga de trabalho do que os homens, são elas que mais se preocupam com a qualidade de vida. Diferentemente dos homens, que focam apenas na quantidade, elas zelam pela diversidade e qualidade do alimento.

Corroborando com o relato da Assentada 3, Siliprandi (2009) ressalta que muitas vezes são as mulheres que começam o processo de mudança da agricultura convencional para a agricultura sustentável, por estarem mais envolvidas com as sugestões que tratam da saúde e da alimentação das famílias.

Assim, destacar o papel da mulher na agricultura é essencial e, para que isso aconteça, é fundamental que seja elaborada uma série de mudanças no meio político e social, tendo em vista a equidade, bem como modificações nas relações de gênero para que as mulheres tenham maior reconhecimento (MESQUITA, 2012).

### **Mulheres e a agroecologia:**

#### Assentada 1:

Agroecologia pra mim é qualidade de vida, é você amar a natureza, é você ter cuidado com a terra, ter cuidado com os animais, cuidado com as árvores, tudo isso faz parte da agroecologia. Quando você passa a produzir agroecológico você não tá pensando só em você, mas tá pensando em conjunto. Quando a gente produz um produto sem veneno a gente pensa primeiro na família, mas quando a gente tá vendendo estamos pensando também em consumir um produto saudável. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

#### Assentada 2:

Agroecologia é o respeito com a natureza! A agroecologia não quer dizer que eu planto produtos orgânicos, agroecologia é o todo da propriedade, você tem que se preocupar com o que você tá dando aos seus animais, a forma de manejo que você tá tendo na propriedade, o respeito pela árvores, então, é todo um conjunto. Agroecologia é o respeito pelo espaço que você vive. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

#### Assentada 3:

É um modo de vida, porque estamos nesse processo de construção, não é só a questão de produzir sem agrotóxicos, mas também produzir relações com a terra, com a natureza, com as pessoas, com a vida e com a questão da preservação. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

#### Assentada 4:

Agroecologia pra mim é saúde e bem viver. A gente nasceu e se criou na agricultura, mas a gente veio conhecer agroecologia a pouco tempo, até então eu era acostumada a trabalhar com meu pai e minha mãe no roçado, mas eu não dava valor e eu criei um amor pela agricultura através da agroecologia pela maneira de se trabalhar; saber que temos uma diversidade de plantação, onde antigamente só se concentrava em uma ou duas plantações. A gente tem uma diversidade de tudo e aquilo ali tá na nossa mesa, saudável; a gente sabe de onde vem, não vem com veneno. E agroecologia pra mim também é união da família, da terra, da natureza, das plantas, a reciclagem, tudo isso junto e misturado. E eu amo trabalhar com agroecologia. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

#### Assentada 5:

Entendo que agroecologia é a produção de alimentos sem veneno, mas que além disso é a união entre o ser humano e a natureza, para produzir sem agredir o solo, e nem poluir as águas, que plantar em consórcios é uma coisa da agroecologia, e que a agroecologia é zelar pela vida da nossa família, e fornecer alimentos saudáveis a população. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Nesses registros notamos que todas elas têm compromisso e amor pela agroecologia, expressando mudanças positivas em relação à prática dela como ciência. Ressaltam ainda que a agroecologia é mais que uma ciência, a agroecologia é sinônimo de segurança alimentar, é cultura, é filosofia de vida, é o ponto de equilíbrio do ser humano com o meio ambiente, é prática e movimento, é a busca por sistemas agroalimentares soberanos e sustentáveis, é troca de saberes, é ação social coletiva, é plantar o aqui e o agora para colher no futuro. Agroecologia é um ciclo vital!

Para Betanho; Lopes; Lopes (2020), a agroecologia é um modo de produzir sem agredir o meio ambiente, incentivando uma produção sustentável, combatendo a degradação ambiental, sendo uma agricultura que pretende superar os prejuízos ocasionados à biodiversidade e a sociedade pela aplicação de agrotóxicos, pesticidas, transgênicos, fertilizantes e pelas monoculturas.

Segundo Paula; Oliveira; Silva (2017), a agroecologia como ciência multidisciplinar preza pela valorização da cultura, do saber popular, visando contribuir para a valorização do trabalho feminino, seja ele monetizado ou não, objetivando, com isso, agregar avanços ao desenvolvimento sustentável, que está diretamente ligado à prática da equidade nas relações entre os gêneros.

Salienta-se ainda que as mulheres camponesas desse Assentamento se sentem responsáveis pela produção de alimentos diversificados e nutritivos, pela proteção da

diversidade de sementes e biodiversidade dos ecossistemas, contribuindo também para a diversidade e manutenção da vida no solo.

Ana Maria Primavesi representa um ícone na prática conservacionista do solo e da Agroecologia, e seus conceitos expressam a premissa de que um solo saudável gera uma planta saudável, o que contribui para o equilíbrio dos ecossistemas e as relações presentes neles (SILIPRANDI, 2011).

#### **4.3 Participação das mulheres camponesas nas atividades do assentamento**

Refati; Fabrini; Marschner (2017) ressaltam que a participação das mulheres na luta dos assentamentos foi essencial para que elas tivessem voz para diversos temas. A mulher camponesa não é a mesma antes e depois do acampamento, pois neste percurso ela vai construindo o seu conhecimento pela busca da visibilidade, expondo também a sua capacidade de cuidar da roça e de garantir a sobrevivência da família junto com seu companheiro. Por conseguinte, os depoimentos abaixo trazem relatos sobre a participação das mulheres no Assentamento:

##### **A participação da mulher no assentamento:**

Assentada 1:

Aqui no assentamento Oziel Pereira é muito forte o papel da mulher, tem várias mulheres aqui que são bem dizer as donas do lote, é quem tá a frente do lote, é quem trabalha na agricultura, é quem organiza tudo. Temos mulheres na associação, na coordenação da cooperativa, mulheres que estão à frente de algumas organizações; as mulheres aqui do Oziel são bem ativas, na agrovila daqui do cajá tem bastante coisa interessante através do trabalho dessas mulheres. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 2:

Tem lotes que praticamente são gerenciados por mulheres, são mulheres que tomam conta da produção em todos os sentidos. O nosso assentamento tem 50 famílias, e na maioria são as mulheres que estão à frente, então eu posso dizer que é um assentamento onde as mulheres têm uma boa participação na agricultura. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 3:

A gente já vem de um processo de trabalho ao longo do tempo, já passamos por algumas formações, a gente consegue intervir bastante, conseguimos estar mais visível em relação aos trabalhos da roça. Aqui no assentamento temos mulheres liderando, tem muitas mulheres que assumem a função de direção, produção e educação. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 4:

É muito importante, pois a mulher tá dentro de tudo, desde ao redor de casa como dentro de casa e no lote, e também na criação de animais. Muitas vezes na criação de

animais os homens só são donos, mas é a mulher quem cuida. Pra mim só não é muitas vezes reconhecido, pois muitas vezes eles tiram só como uma ajuda, mas se a mulher não tiver de dentro muitas coisas param. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 5:

A minha participação é no grupo de produção Oziel Pereira onde organizo as reuniões mensais, e sou representante da comissão de avaliação do grupo no processo de certificação participativa. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Os relatos das assentadas apontam que boa parte das mulheres tem uma participação efetiva no assentamento. Esta participação se torna essencial, uma vez que as atividades desempenhadas são de extrema importância para o assentamento, como manutenção, organização e funcionamento dos lotes. É nítido o reconhecimento, por parte delas, em relação à importância desta participação no assentamento, devidamente evidenciada como fundamental e não apenas como uma “ajuda” ou auxílio, gerando resultados positivos na produção de cada lote.

Considera-se que historicamente o trabalho feminino no campo nem sempre foi reconhecido e, em alguns casos, permanece assim nos dias de hoje, visto que o trabalho que requer maior esforço físico e as decisões dentro de casa pertencem apenas ao homem, e as mulheres designavam-se só para as atividades domésticas e para a criação dos filhos. Porém, as conquistas alcançadas pelas mulheres fazem com que elas obtenham a valorização e o seu lugar diante da sociedade, rompendo com a naturalização do machismo e a inferiorização da mulher (CRODA *et al.*, 2018). Como elas avaliam essa questão:

### **As mulheres do assentamento têm o reconhecimento de seu trabalho:**

Assentada 1:

Eu posso dizer que aqui a gente tem cerca de 80%, mas infelizmente ainda tem algumas mulheres daqui que a gente sabe que ainda não são reconhecidas, não são valorizadas pelos companheiros, pelos filhos. A gente vem da luta do acampamento e estamos juntas durante esse tempo todinho, a gente sabe que tem muitas mulheres guerreiras, que se valorizam como mulher e tem um reconhecimento do trabalho delas dentro do assentamento. Aqui dentro do assentamento tem várias mulheres que são valorizadas. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 2:

Posso dizer que a maioria tem. Nós temos um grupo de mulheres, As Margaridas, nós temos as mulheres que fazem louças, nós temos as mulheres que têm as plantas ornamentais. Quando vem uma visita no assentamento vem diretamente para as mulheres, vem conhecer o trabalho das mulheres, então as atividades que as mulheres exercem dentro do assentamento têm um destaque muito bom. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 3:

Algumas sim, todas não! Algumas mulheres daqui têm reconhecimento do seu trabalho. Mas eu acredito que o reconhecimento é quando tivermos equidade, aí sim vamos ter mais reconhecimento. Muitas mulheres, que são liderança, conseguem

intervir bastante. Comparando com os outros assentamentos, o nosso é bem participativo, as mulheres estão mais nessa linha de frente. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 4:

Pouco, pois é um esforço o homem reconhecer o trabalho da mulher. O homem quando chega em casa coloca os pés pra cima e vai descansar, já a mulher ela passa o dia no roçado, muitas vezes cuida de animais, cuida dos filhos e ainda tem casa pra arrumar, comida pra fazer, roupa pra lavar, tudo pra ela tomar de conta. E muitas vezes esse trabalho não é valorizado. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 5:

Sim, pois as mulheres estão mais organizadas, fornecem para o PAA E PNAE e isso gera autonomia às mulheres, além de outras mulheres serem militantes do MST, e também fazerem parte de outras organizações. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Diante dos depoimentos das entrevistadas foi possível observar que as mulheres têm uma parcela bastante significativa na valorização do seu trabalho dentro do assentamento. Porém, ainda existe uma pequena parcela de mulheres que, seja pela falta de participação na luta, seja pelo machismo dos seus companheiros, ainda convivem com a não valorização do seu trabalho por seus companheiros, como relata a Assentada 4.

Observando essa perspectiva, os estudos de Herrera (2017) consideram que a realidade das mulheres no meio rural é definida por muito trabalho e pouco reconhecimento. As mulheres agricultoras, além de se dedicarem às atividades produtivas e reprodutivas no seu dia a dia, sofrem também a invisibilidade social e a ausência do reconhecimento como trabalhadoras e cidadãs. No entanto, a Agroecologia só cumprirá seus objetivos se tiver a valorização do esforço, da produção e do conhecimento das agricultoras.

Para os autores Brito *et al.* (2017), o reconhecimento do trabalho das mulheres agricultoras, bem como a participação delas em organizações de assistência à agricultura familiar, possibilita uma sociedade menos excludente. Logo, os depoimentos sobre as organizações das mulheres no assentamento enfatizam:

### **As mulheres e a importância do grupo As Margaridas**

Assentada 1:

Nós temos o grupo de mulheres, As Margaridas, que é composto por várias mulheres daqui do assentamento. Fazemos bolos, tapiocas e pamonha pra merenda escolar; a gente também acessa o PAA do estado produzindo bolos e doces; e antes dessa Pandemia as mulheres daqui trabalhavam muito, éramos bem ativas, trabalhávamos fazendo alimentação para eventos, aí depois dessa pandemia deu uma diminuída. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 2:

Sim, o grupo As margaridas. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 3:

Somos acompanhadas pelo MST, pelo polo sindical da Borborema, temos o grupo de mulheres que trabalham juntas na produção, tem grupo de mulheres que trabalham com plantas. Aqui tem muito essas organizações dentro de uma rede. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB)

Assentada 4:

Sim, faço parte do grupo de mulheres do assentamento que são As Margaridas. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 5:

Sim, faço parte do grupo de mulheres do assentamento que são As Margaridas. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Diante das respostas das mulheres camponesas podemos observar que elas se uniram e formaram um grupo de trabalho para produzir de forma organizada, um grupo de mulheres empreendedoras. O grupo se chama “As Margaridas”, em homenagem a Margarida Alves, uma sindicalista e defensora dos direitos dos trabalhadores do campo.

Elas informaram que, através da formação desse grupo, já conseguiram financiamento através do sistema de crédito solidário, pelo qual montaram e equiparam uma cozinha específica para a produção de bolos, tapiocas, beiju, cocadas, entre outros alimentos, para garantir uma renda extra. Através desse grupo elas fornecem alimentos para merenda escolar, no município de Remígio, e também vendem seus produtos nas feiras agroecológicas e nos eventos da agricultura familiar.

Uma das maneiras que as mulheres rurais procuram para fortalecer as suas habilidades produtivas e diminuir os problemas enfrentados na comercialização é a participação delas em organização de grupos produtivos. Estes grupos potencializam as atividades que geralmente as mulheres fazem no seu dia a dia, tais como artesanato, processamento e comercialização de produtos provenientes dos quintais e arredores da casa (SILIPRANDI; CINTRÃO, 2011).

No entanto, nos últimos anos, a mulher vem conquistando progressivamente seu lugar em diferentes áreas profissionais, através de atividades empreendedoras, nas quais realizam na prática os seus saberes, em boa parte obtidos no contexto familiar ou sócio cultural dos locais onde residem (NATIVIDADE, 2009).

Farias *et al.* (2020 p. 133) destacam:

Como o mercado econômico é majoritariamente preenchido pelo público masculino, que ainda traz a ideia de que o homem deve ser o gestor dos negócios e a figura mais importante do lar, a inserção das mulheres no mercado é uma das formas de superar os obstáculos impostos pela sociedade machista contra o gênero feminino, que carrega uma ideia falida de fragilidade e submissão.

Seja na literatura produzida ou nos relatos das mulheres, elas vêm conquistando cada vez mais espaço no que diz respeito ao empreendedorismo dentro da agricultura familiar.

Uma das alternativas de reconhecimento do trabalho produtivo das mulheres camponesas e de sua relevância no desenvolvimento rural se dá pela implantação de políticas públicas que beneficiam as agricultoras (ZUMAK, 2019). No entanto, as mulheres assumem uma função importante na gestão das políticas públicas, como por exemplo o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar). Estas políticas públicas proporcionam uma maior visibilidade, um aumento da renda e autonomia econômica, possibilitando melhorias nas condições de vida dessas mulheres e de suas famílias. As narrativas abaixo demonstram que quando essas políticas são acessadas as mulheres agricultoras têm maior condição de gerar renda à família, conforme elas avaliam:

**O acesso às políticas públicas, governamentais e aos programas que fortalecem a iniciativa de organização das mulheres:**

Assentada 1:

Já teve, que foi o Apoio Mulher pelo INCRA, mas nem todas as mulheres conseguiram acessar. Mas temos alguns recursos que vêm de algumas organizações. Nós temos fundo rotativo solidário na comunidade que vem do Polo Sindical, especificamente para as mulheres. As mulheres é quem dominam, pois o fundo rotativo daqui é voltado para criação de galinhas e pequenas faxinas de plantas medicinais, então, quem atua mesmo nesse setor são as mulheres. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 2:

As mulheres tiveram direito a um crédito chamado Apoio Mulher que foi direcionado diretamente para as mulheres. As mulheres também conseguem participar de projetos como o PAA e o PNAE, pois sendo mulher, elas têm mais chances de passar nas chamadas públicas do que os homens, então são políticas voltadas mais para a valorização do trabalho da mulher. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 3:

Houve uma época que teve, mas foi muito burocrático, algumas mulheres conseguiram acessar; outras conseguiram acessar, mas não conseguiram aplicar direito. Eu não tive acesso, porque eu não sou assentada da reforma agrária, assentada que eu digo é que a titularidade não é minha, é da minha mãe. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 4:

Algumas mulheres daqui tiveram acesso ao recurso Apoio Mulher pelo INCRA. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 5:

Em 2018 saiu um projeto chamado Fomento Mulher, que foi específico para as mulheres investirem na produção de animais. Esse projeto foi pelo INCRA. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

De acordo com Zumak (2019), as políticas públicas para a agricultura familiar voltadas para as mulheres demonstram progressos no desenvolvimento rural, tornando-se um incentivo para a inclusão das mulheres rurais nas organizações produtivas e colaborando para o reconhecimento do trabalho produtivo dessas mulheres.

Diante das respostas das mulheres agricultoras entrevistadas pode-se observar que as mulheres do assentamento têm um diferencial das demais mulheres camponesas, pois têm acesso a linha de Crédito Fomento Mulher, através do INCRA, porém nem todas conseguiram esse crédito. De acordo com D'ávila (2016), o Crédito Fomento Mulher refere-se a um auxílio cedido pelo INCRA aos beneficiários da reforma agrária. A finalidade deste crédito é fortalecer a produção das trabalhadoras rurais, colaborando para que elas garantam mais autonomia.

Sales (2007) ressalta que a mulher camponesa tem ocupado espaço em vários setores e um desses é a participação delas em eventos da agricultura familiar, organizados pelo MST e pelo movimento sindical, ou por algum evento nos acampamentos, seminários, marchas e atos públicos no Dia Internacional da Mulher. Nesse sentido, as mulheres manifestam seus dizeres sobre a participação desses eventos.

### **Participação nos eventos da agricultura familiar:**

Assentada 1:

Sim, a Festa da Semente da Paixão, a Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia, participamos em eventos voltados para a agricultura, participamos também na comissão de mulheres. Tem vários eventos voltados para as mulheres e a gente tá sempre participando. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 2:

Sim, todo ano as mulheres daqui participam da Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia, a gente participa de formação de mulheres pelo próprio Movimento Sem Terra, pelo próprio sindicato, então a gente todo ano participa de atividades que estejam ligadas diretamente a mulher. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 3:

Sim, algumas mulheres participam da Festa do Algodão Agroecológico, outras participam do Caminhos do Frio e participamos também da Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia, então, estamos sempre nos eventos da agricultura familiar. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 4:

Sim, a gente participa dos trabalhos com as mulheres através do sindicato do município, a ASPTA, polo da Borborema; a gente faz parte da organização da Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Assentada 5:

Sim, a Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia. (Assentamento Oziel Pereira, Remígio/PB, 2020)

Diante dos depoimentos é possível perceber que estas mulheres estão sempre inseridas nos eventos da agricultura familiar, especialmente os eventos voltados para as mulheres, organizados pelos movimentos sociais. O evento que elas mais citaram foi a Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia, uma marcha que acontece todos os anos, desde 2010, organizada pelo Polo da Borborema/PB e pela ASPTA. A marcha ocorre envolvendo mais de 14 municípios do Polo e aborda um tema diferente a cada ano. O tema em 12 de março de 2020, que ocorreu no município de Esperança/PB, foi Femicídio. O objetivo central da marcha é fortalecer o empoderamento das mulheres camponesas, que vão às ruas expor seu trabalho, reivindicar suas pautas e pedir pela justiça e vida das mulheres, além da necessidade de expressão por uma vida com autonomia, equidade e liberdade. Tendo como bandeira de fundo a defesa da Agroecologia como meio de fortalecer uma agricultura sustentável e livre de agrotóxicos (ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA, 2020).

Outro evento que foi citado pelas entrevistadas foi a festa da colheita do algodão agroecológico, que acontece todos os anos, na cidade de Remígio/PB. Esse evento tem o objetivo de promover a troca de saberes e experiências entre os(as) agricultores(as) da região. São três dias de evento, com diversas atividades como dias de campo, seminários, desfiles de moda, rodas de conversa e apresentações culturais. Esse evento acontece desde 2008, organizado pela ONG Arribaça, juntamente com as entidades parceiras organizadas na Rede Paraíba de Algodão, Sebrae, Coopnatural, MDA, Embrapa Algodão, Banco do Brasil, ASPTA e Associações de agricultores (ALMEIDA, 2011).

Algumas das mulheres do assentamento também ressaltaram a participação na Festa Estadual das Sementes da Paixão. Essa festa acontece a cada dois anos, organizada pela Articulação do Semiárido Paraibano – ASA/PB, cujos objetivos são fortalecer as experiências de agricultura familiar, a manutenção dos bancos de sementes crioulas e refletir sobre o avanço dos transgênicos no estado da Paraíba, suas ameaças para a conservação das sementes crioulas,

bem como definir estratégias de enfrentamento (ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA, 2019).

Outro evento por elas mencionado é a Rota Cultural Caminhos do Frio, do município de Remígio. São 8 (oito) dias de evento nos quais são realizadas visitas aos sítios agroecológicos, oficinas, trilhas, desfile cultural, feira da agricultura familiar, encontro de dança de rua, entre outras atividades.

Pode-se perceber que a participação das mulheres camponesas em eventos é essencial, pois elas começam a reconhecer o seu valor como mulher e como agricultora, compartilhando seus saberes, trocando experiências de produção, compartilhando suas histórias de vida, saindo de casa, ganhando mais liberdade, conhecimento, além de fazer novas amizades.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A minha vontade em pesquisar sobre as mulheres camponesas surge da história de vida da minha mãe e também do interesse em entender como o empoderamento das mulheres vem acontecendo no assentamento Oziel Pereira, levando em consideração que essas mulheres têm lutado por avanços em suas vidas por meio das práticas desenvolvidas pelo assentamento.

Esse trabalho representa, para mim, um meio de evolução tanto da minha vida profissional como pessoal, e me fez entender, de fato, que as mulheres do assentamento vêm a cada dia mais avançando na construção do seu empoderamento.

Notamos no decorrer das entrevistas que algumas práticas desenvolvidas pelo assentamento são direcionadas especialmente para as mulheres e uma das práticas que as assentadas destacaram foi a formação do grupo de mulheres empreendedoras “As Margaridas”, com a finalidade de garantir economicamente suas famílias, fortalecendo o empoderamento coletivo e a autonomia dessas mulheres.

Percebemos também que as mulheres camponesas participam regularmente de eventos da agricultura familiar, eventos especificamente voltados para tratar das questões e temas que envolvem as mulheres. No entanto, foi fundamental perceber que a participação dessas agricultoras em eventos serve para alimentar momentos de partilha de saberes e experiências.

Essas narrativas das mulheres assentadas nos fez constatar que elas estão progressivamente ganhando mais espaço e visibilidade não só dentro do assentamento, desconstruindo o preconceito de que “lugar de mulher é só com atividades domésticas e com os cuidados dos filhos”, mas trazendo um novo olhar sobre o papel da mulher na sociedade, e do seu papel promissor na renda familiar e na produção agrícola. Embora não se tenha focado a discutir as questões mais profundas e conceituais do significado da categoria de gênero, buscou-se registrar pela voz das mulheres camponesas desse assentamento como elas se organizam nas suas lutas e na construção das suas identidades, possibilitando que novas pesquisas possam ser realizadas para uma continuidade e aprimoramento dessa temática.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, S. M. C.; OLIVEIRA, G. B. As Contribuições de Paulo Freire para o empoderamento feminino no campo. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 6, p. 1-13, 12 abr. 2020.
- ALMEIDA, J. N. **A produção do algodão agroecológico no projeto de Assentamento Queimadas, Remígio/PB**. 2011. 45 f. Monografia (Especialização) - Curso de Licenciatura Plena em História, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011.
- ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA (ANA). **8ª Festa Estadual das Sementes da Paixão acontece em Soledade (PB)**, 6 jun. 2019. Disponível em: <https://agroecologia.org.br/2019/06/06/8a-festa-estadual-das-sementes-da-paixao-acontece-em-soledade-pb/>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA (ANA). **11º Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia se levanta contra o Femicídio, nesta quinta-feira (12)**, 12 mar. 2020. Disponível em: <https://agroecologia.org.br/2020/03/12/11o-marcha-pela-vida-das-mulheres-e-pela-agroecologia-se-levanta-contr-o-femicidio-nesta-quinta-feira-12/>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- BAQUERO, R. V. A. Empoderamento: questões conceituais e metodológicas. **Redes: Revista do desenvolvimento regional**, Santa Cruz do Sul, v. 11, n. 2, p. 77-93, maio 2006.
- BAQUERO, R. V. A. Empoderamento: instrumento de emancipação social? - Uma discussão conceitual. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 173-187, jan.-abr. 2012.
- BERTH, J. **Empoderamento**. 1ª Ed., São Paulo: Pólen, 2019. 184 p.
- BETANHO, C.; LOPES, G. R.; LOPES, J. C. F. Agroecologia e economia popular solidária: alternativas para o desenvolvimento sustentável e emancipação feminina. Cadernos de Agroecologia - ISSN 2236-7934 – **Anais do 3º Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia**, v. 15, n. 3, 2020.
- BRITO, G. S.; AUGUSTO, H. A.; PINHEIRO, C. E. F.; MACHADO, M. G. Produção de alimentos e emancipação feminina: Uma experiência de um grupo de mulheres na agricultura familiar. **Revista Desenvolvimento Social**, v. 22, n. 3, p.1-11, 2017.
- CARDOSO, S. S.; SCHMIDT, J. P. Desigualdade de gênero e desafios para o empoderamento das mulheres agricultoras. **Revista Húmus**, v. 9, n. 26, p.51-69, 2019.
- CARVALHO, D. J. **O empoderamento da mulher na agricultura familiar de Carvalhópolis-MG**. 2012. 134 f. Dissertação (Mestrado em Política Social), Universidade Federal Fluminense, Escola de Serviço Social, Niterói, 2012.
- CAVALCANTE, R. de C. **Aprendizes da terra: a voz e a resistência do MST na Paraíba/Rita de Cássia Cavalcante**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2017.
- CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1987.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL - CPDOC. **O que é história oral?** Fundação Getúlio Vargas. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral> Acesso em: 27 nov. 2019.

CONSEA – Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional. 5ª Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Comida de verdade no campo e na cidade: por direitos e soberania alimentar. **Relatório Final**. Brasília: CONSEA, 2015.

COSTA, E. S. T. da. **A Importância do uso de cisternas no Assentamento Oziel Pereira – Remigio PB**. 2013. 56 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Geociências, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/639>. Acesso em: 14 fev. 2021.

COSTA, A. A. A. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**. Salvador: NEIM/UFBA, 1999.

CRODA, J. P.; PROCKNOW, D.; LAZAROTTO, S.; FIGUEREDO, O. A. T. A importância do empoderamento da mulher camponesa na gestão da propriedade rural. Cadernos de Agroecologia. ISSN 2236-7934. **Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF**. v. 13, n. 1, jul. 2018.

DALBONI, C. **Mulheres da terra: história e memória das assentadas de sumaré II no limiar do século XXI**. 2008. 210 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

D'ÁVILA, L. D. G. **Crédito Fomento Mulher: redefinindo a participação da mulher no processo produtivo familiar: um estudo de caso nos projetos de assentamento Mata Verde e Timbó**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2016.

FAO, Organización de las Naciones Unidas para la Agricultura y la Alimentación. Organización de las Naciones Unidas para la Agricultura y la Alimentación. **Recetario Salud, saberes y sabores**. Roma: FAO, 2018, p.58. Disponível em: <http://www.fao.org/family-farming/detail/es/c/1150540/>. Acesso em: 05 set. 2020.

FARIAS, T. R.; LIRA, J. V. M.; CARVALHO, A. V.; SOUSA, W. L. Empreendedorismo feminino no desenvolvimento da agricultura familiar. **Revista Ciências da Sociedade**, v. 4, n. 7, p. 130-143, 26 jun. 2020.

FERREIRA, A. P. L. **Agricultoras do Pajeú: Feminismo e agroecologia no semiárido brasileiro**. Pegada - **A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 17, n. 1, p. 244-262, 2016.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia – o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FONSECA, A. I. A.; COSTA, S. G.; VIEIRA, G. do R. A. L.; GALDINO, S. M. G. Feiras e Mercados Municipais em Bocaiúva (MG) e Montes Claros (MG): o empoderamento das mulheres agricultoras. **Geography Department University of Sao Paulo**, v. 33, p. 97-105, 23 ago., 2017.

FULGÊNCIO, F. M. G. de A. **Os laços sociais, reciprocidade e solidariedade na Agrovila Lagoa do Jogo - Remígio/PB**: um estudo a partir dos fundos rotativos solidários. 2014. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2014.

GONÇALVES, M. S. N.; MOLINA, M. C.; CORDEIRO, G. N. K. Gênero e constituição da mulher camponesa: um estudo das produções acadêmicas sobre gênero na formação proposta pela educação superior do campo no Brasil de 2011 a 2015. **Anais do XXIV Seminário Nacional UNIVERSITAS/BR**, 2016. Disponível em: [http://www.ppe.uem.br/xxivuniversitas/anais/trabalhos/e\\_7/7-014.pdf](http://www.ppe.uem.br/xxivuniversitas/anais/trabalhos/e_7/7-014.pdf). Acesso em: 12 maio 2020.

GUBERT, F. P. P.; HANZEN, M.; RECALCATTI, J. F.; COLTRE, S. M. Empoderamento Feminino na Agricultura Familiar. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, 2020.

HERÉDIA, B. A.; MEDEIROS, L.; PALMEIRA, M.; CINTRÃO, R.; LEITE, S. P. **Os Impactos Regionais da Reforma Agrária**: um estudo sobre áreas selecionadas. *Lusotopie*. Rio de Janeiro, 2003.

HERRERA, K. M. Da invisibilidade ao reconhecimento: mulheres rurais, trabalho produtivo, doméstico e de care. **Política & Sociedade**, v. 15, p. 208-233, 14 mar. 2017.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2019**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acessado em: 16 jan. 2020.

INCRA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Novo Retrato da Agricultura Familiar**: O Brasil Redescoberto. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/sade/doc/agrifam.htm>. Acesso em: 15 nov. 2019.

INCRA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Informações gerais sobre os assentamentos da Reforma Agrária**. Disponível em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/reforma-agraria/assentamentos>. Acesso em: 01 fev. 2020.

LEAL, A. J. S.; LEÃO, J. de O. **O papel e a participação da mulher na cooperativa de Irituia**. 2019. 41 f. Orientador: Dr. José Sebastião Romano de Oliveira. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Agronomia) - Universidade Federal Rural da Amazônia, Capitão Poço, 2019.

LEAL, L. S. G.; FILIPAK, A.; DUVAL, H. C.; FERRAZ, J. M. G.; FERRANTE, V. L. S. B. Quintais produtivos como espaços da agroecologia desenvolvidos por mulheres rurais. **Perspectivas em Diálogo**: Revista de Educação e Sociedade, s, v. 7, n. 14, p. 31-54, jan. 2020.

LOLI, D. A.; LIMA, R. S.; SILOCHI, R. M. H. Q. Mulheres em contextos rurais e segurança alimentar e nutricional. **Segurança alimentar e nutricional**, v. 27, p. 1-13, 2020.

LUTKE, V.; COSTA, C. Agroindústrias familiares, mercados institucionais e empoderamento das mulheres: uma discussão a partir de Santana do Livramento/RS. **Revista Campo**

**Território**, p. 266-292, 30 abr. 2019. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia.

MCDANIEL, C.; GATES, R. **Pesquisa de Marketing**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

MESQUITA, L. A. P. Mulher na agricultura familiar: a comunidade rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 21, 2012, Uberlândia. **Anais**. Minas Gerais: UFU/LAGEA, 2012.

MEZADRI, A. M. **Da produção de alimentos saudáveis à geração de autonomia e conhecimento**. 2019. 33 f. TCC (Graduação) - Curso de Curso Interdisciplinar em Educação do Campo Ciências da Natureza, Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, 2019.

MOREIRA, C. Os desafios no desenvolvimento das práticas agroecológicas das mulheres no Assentamento Canudos do município Palmeiras-GO. Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – **Anais** do VI CLAA, X CBA e V SEMDF – v. 13, n° 1, jul. 2018.

NATIVIDADE, D. R. Empreendedorismo feminino no Brasil: políticas públicas sob análise. **Revista de Administração Pública**, v. 43, n. 1, p. 231-256, 2009.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de Metodologia Científica**: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

PAULA, M. M.; OLIVEIRA, A. L.; SILVA, J. L. G. Promoção da saúde e produção de alimentos na agricultura familiar. **Revista Interação Interdisciplinar**, v. 01, n.01, p.50-67, 2017.

REIS, L. M.; GUERRA, G. A. D. Empoderamento de mulheres no sindicalismo de trabalhadores e trabalhadoras rurais de Marabá (PA). **Guaju**, v. 5, n. 1, p. 115, 20 ago. 2019. Universidade Federal do Paraná.

REFATI, D. C.; FABRINI, J. E.; MARSCHNER, W. R. O trabalho das mulheres nos assentamentos Antonio Companheiro Tavares em São Miguel do Iguazu e Ander Rodolfo Henrique em Diamante do Oeste - Paraná. **Revista Nera**, Presidente Prudente, n. 35, p. 83-107, jan-abr. 2017.

SALES, C. M. V. Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, n. 2, p. 437-443, ago. 2007.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo. Companhia de Letras, 4ªed. 2008.

SILVA, R. N.; NUNES, M. E. A. A.; ANDRADE, H. M. L. S. Percepção de jovens agricultores sobre práticas agroecológicas na produção agrícola. **Brazilian Journal of Agroecology and Sustainability**, v. 01, n. 02, p.1-11, 2019.

SILVA, V. P.; ZAMBRA, E. M.; SILVA, W. D.; ASSAD, K. C.; CRUZ, A. L. P. Força de trabalho, participação e empoderamento feminino: reflexões sobre uma comunidade rural em mato grosso. **Revista Agropampa**, v. 2, n. 2, p. 191-206, jul. – dez. 2017.

SILIPRANDI, E. Mulheres e Agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 4, n. 3, p. 114–116, 2009.

SILIPRANDI, E. Mulheres agricultoras no Brasil: sujeitos políticos na luta por soberania e segurança alimentar. **Pensamiento ibero americano**, v. 9, p. 169-184, 2011.

SILIPRANDI, E.; CINTRÃO, R. As mulheres agricultoras no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, v. 18, n. 2, p. 12-32, 2011.

SOARES, A. H.; SANTOS, C. S.; NOBRE, H. G.; SOUSA, R. K. R. A Feira de Saberes e Sabores do IX Congresso Brasileiro de Agroecologia: materializando a diversidade e o bem viver de Norte a Sul do Brasil. Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – **Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF** – v. 13, n. 1, jul. 2018.

SOUZA, K. B.; LORENZETTI, E. R.; TOLEDO, G. S.; CARVALHO, C. M. Empoderamento das agriculturas integrantes da rede Mãos à Horta, Rio Pomba/MG. **Revista Ciência em Extensão**, v.12, n.4, p.98-112, 2016.

SCHNEIDER, C. O.; WEDIG, J. C. “Na agroecologia as mulheres vendem, produzem e decidem”: análises sobre a participação das mulheres na produção agroecológica. Cadernos de Agroecologia - ISSN 2236-7934 – **Anais do 3º Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia** – v. 15, n. 3, 2020.

ZIMMERMANN, N. de C. Os desafios da organização interna de um assentamento rural. P. 160 2005-224. In: MEDEIROS, L. S et al. **Assentamentos rurais: uma visão interdisciplinar**. São Paulo: ED. UNESP, 1994.

ZUMAK, M. R. **Contribuições do Pronaf mulher e do PAA no cotidiano das mulheres rurais de Aracruz/ES: uma análise a partir da perspectiva de gênero**. 2019. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

## APÊNDICE A



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS II – LAGOA SECA – PB

CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS

DEPARTAMENTO DE AGROECOLOGIA E AGROPECUÁRIA

BACHARELADO EM AGROECOLOGIA

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Eu, ....., autorizo a graduanda **Bruna dos Santos Souza**, matrícula 142361780, estudante de **Agroecologia** pela **Universidade Estadual da Paraíba**, a utilizar as informações por mim prestadas para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título **Empoderamento da mulher camponesa: a voz e a resistência das produtoras rurais do assentamento Oziel Pereira-Remígio/PB** e está sendo orientada pela professora Ms. Rita de Cássia Cavalcante.

Lagoa Seca, ..... de ..... de 2020.

---

Assinatura do entrevistado

**APÊNDICE B**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS II – LAGOA SECA – PB  
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS  
DEPARTAMENTO DE AGROECOLOGIA E AGROPECUÁRIA  
BACHARELADO EM AGROECOLOGIA**

**Discente: Bruna dos Santos Souza**

**Título: Empoderamento da mulher camponesa: a voz e a resistência das produtoras rurais do Assentamento Oziel Pereira-Remígio/PB**

**Orientadora: Rita de Cássia Cavalcante**

**Roteiro de Entrevista Semiestruturada**

1. Nome:
2. Idade:
3. Há quanto tempo você trabalha na agricultura?
4. Com quem aprendeu as técnicas da agricultura?
5. Qual o papel da mulher na agricultura?
6. O que você produz? E qual participação da mulher no assentamento e na produção?
7. Existe divisão de tarefas entre homens e mulheres no assentamento?
8. Tem alguma organização de mulheres no assentamento?
9. O que vocês (mulheres) fazem quando se reúnem?
10. Você considera que as mulheres do seu assentamento têm o reconhecimento de seu trabalho? Por quê?
11. Quais as dificuldades que vocês enfrentam sendo mulher, na agricultura?
12. Você já atuou ou atua diretamente na comercialização dos alimentos que você produz?
13. Existe acesso a algum recurso governamental específico para as mulheres?
14. Existe algum evento que vocês participam? Quais? E se não Participa, Por quê?
15. O que você entende por Agroecologia?